

ESALQ SOB NOVA DIREÇÃO

Confirmado como diretor da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), o professor José Vicente Caixeta Filho, 48, tem várias peculiaridades. Além de ser um dos mais jovens a ocupar o cargo, é o primeiro, após mais de 80 anos, a não ter se formado engenheiro agrônomo pela escola. Caixeta é engenheiro civil graduado pela Escola Politécnica e dá aulas há 21 anos. Entre seus planos principais, destaca a necessidade de uma descentralização administrativa e de promover um equilíbrio entre três funções dos docentes (ensino, pesquisa e extensão), já que atualmente a pesquisa é bem mais valorizada.

RONALDO VICTORIA
ronaldo@jornal.com.br

Qual o maior desafio em assumir a Esalq?

Agora acho que já passou o frio-inho na barriga. O meu sentimento é querer começar logo.

Deu frio-inho no dia da eleição?
 Não, deu muito antes. Foi quando eu decidi concorrer.

Decidi sozinho ou sugeriram?

É um conjunto de forças. É uma decisão minha, mas não foi aleatória, sem respaldo. E tem uma coisa: desde 1927, todos os diretores da Esalq foram, ou vêm sendo, engenheiros agrônomos formados aqui. E eu sou engenheiro civil formado na Escola Politécnica.

É o primeiro "estrangeiro"?

Desde 1927, sim. Antes desta data, houve diretores de outras formações. Mas nos tempos subsequentemente mais modernos, não aconteceu.

É uma mudança importante?

É uma mudança, ou é uma ação em linha com um ambiente em transformação. Esse é um ponto interessante. Hoje a Esalq, e temos uma estatística recente, entre seus docentes há 22 tipos distintos de formação. São pessoas de várias áreas. É uma transformação que vem ocorrendo de forma silenciosa, tendo em vista toda a revisão de conteúdos das áreas de ciências agrárias, que continuam sendo uma referência importante, mas temos áreas novas.

A área do senhor é nova, não?

A minha área é logística. Sou engenheiro civil e atuou em logística. Essa, inclusive, é uma novidade. É logística agroindustrial.

Começou na Esalq quando?

Em 1989. Vou fazer 22 anos no começo do ano que vem. Eu confesso que, no início, essa foi uma preocupação minha, que depois passou a ser de parte da comunidade: "Pô, mas o cara não é esalqueano?"

Ainda tem essa diferença?

Acho que foi uma oportunidade de interessante para nós rediscutirmos o significado de esalqueano.

O que era um esalqueano e o que é hoje?

Esalqueano é um cara que passou quatro, cinco anos como aluno? Com certeza. Agora, eu e muitos outros que não tivemos o privilégio de estudar nessa escola, mas que estamos aqui há mais de 20 anos, e felizes com o ambiente da instituição, podemos nos considerar esalqueanos sim. Então, esse foi o primeiro frio-inho na barriga pelo qual passei: pra que vou procurar sarna pra me coçar?

Ao mesmo tempo, a votação mostrou um grande apelo.

Porque tive um período de campanha muito legal. Tive oportunidade de conversar com muitos pessoas.

Qual a diferença para uma campanha de político tradicional? Não há tanta promessa?

Eu tenho um perfil bem estabelecido no sentido de saber ouvir, de colher sugestões. O meu plano foi montado dessa forma.

Eu tinha algumas linhas mestras e, em cima disso, ouvir o que a comunidade deseja. Tive a oportunidade de visitar todos os 12 departamentos da Esalq e conversar com todas as pessoas, incluindo servidores e alunos.

O que a comunidade quer mesmo?

A diferença, e retomando a sua pergunta sobre campanha, é que no nosso ambiente, dada a dimensão, de fato eu pude conversar com praticamente todos os eleitores. Coisa que um político não vai conseguir. Tive essa oportunidade. O que todo mundo quer? Todo mundo está preocupado com a valorização daquilo que faz. Se eu sou professor, eu quero...

Boas condições de trabalho.

Exato. Se eu sou aluno, boa aula. Se eu sou funcionário, quero boas condições de trabalho também. Agora, na economia, tudo é um equilíbrio entre oferta e demanda. Então, o aluno vai ter uma boa aula se ele demonstrar interesse. Por outro lado, o professor tem de trazer uma motivação adequada para essa ação do aluno. O servidor tem de saber que o ambiente tem certas características. Hoje somos 240 docentes. Em função da campanha, pelo menos por nome eu conheço todos.

Virou praticamente um Maluf, que conhece todo mundo por nome.

Sim (risos). Me dá um nome e eu vou falar se ele é docente ou não. Conhecer todos? Não conheço. E isso é difícil. Hoje, no nosso departamento de economia, somos 36. E tenho certeza de que ainda há docente que não conheço o outro. Num universo de 240, o desafio é maior. Por mais que 240 seja um número grande, a instituição tem de oferecer oportunidades, condições, para a sinergia desse conjunto.

O pessoal gosta de se sentir valorizado?

Quem não gosta? Que alguém chegue e peça um opinião. Isso é importante. Hoje nós não temos ainda um ritual, uma sistemática no sentido de receber formalmente os novos docentes e dar as despedidas para aqueles que se aposentam. É é simples. Semestralmente a gente poderia convidar para tomar um café.

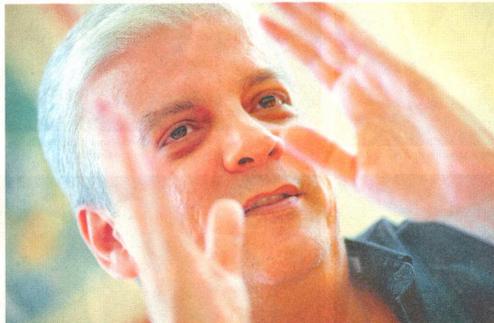
A Esalq precisaria ser mais diplomática?

Acho que ela já é bastante diplomática, mas entendo que para a sua comunidade interna alguns mecanismos simples precisam ser mais incentivados. Voltando à questão da aula, todo mundo gosta de ser valorizado? No nosso ambiente vale muito a característica, o exercício. Dou um exemplo clássico: todas as disciplinas são avaliadas pelos alunos. Em qualquer avaliação, o que é comum de acontecer? Você tem uma turma de 40 alunos, recebe 38 avaliações muito boas e duas muito ruins. Como seres humanos, a tendência é nos sentirmos muito incomodados com as duas avaliações ruins. E às vezes isso acaba sendo 38 boas. A instituição, como um todo, precisa saber ter o discernimento devido para entender aquilo que parece fazer mais sentido, e continuar a manter a Esalq como uma referência.

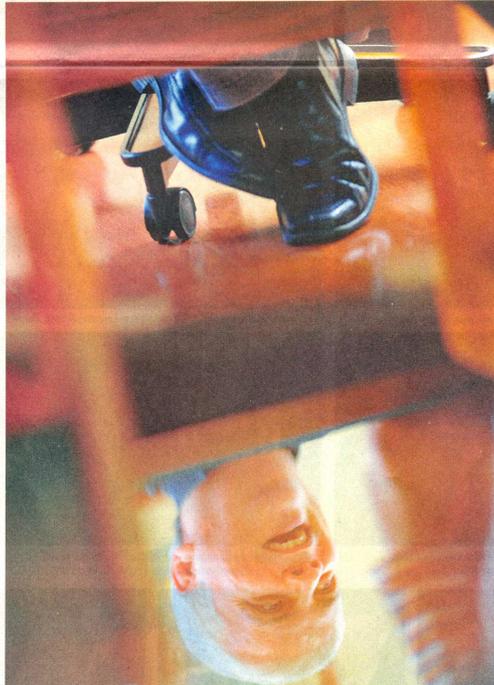
O senhor mencionou que um desafio seria valorizar a parte acadêmica. Hoje a pesquisa é mais valorizada?



Aos 48 anos, Caixeta Filho é o primeiro não formado na Esalq a assumir a direção da instituição desde 1927



Durante a campanha, visitou os 12 departamentos da Esalq e conversou com todos, de servidores a alunos



Caixeta decidiu superar o "frio-inho na barriga" e procurou "sarna para se coçar", no bom sentido

Sim, porque o professor pesquisador tem de publicar em periódicos indexados. O que acontece? Vou falar isso com muito cuidado. A instituição, no nosso caso a Esalq, tem que se pautar pelo equilíbrio entre ensino, pesquisa e extensão. Esse equilíbrio institucional não necessariamente é consequência da somatória de equilíbrios individuais. O que eu quero dizer? É muito difícil exigir que todos os professores sejam excelentes nas três áreas. Para a instituição, o que vale é a contribuição de cada um. Esse é um desafio importante para o gestor de uma unidade educacio-

nal. E dar o reconhecimento devido para os atributos de seus membros. Ou seja, se o professor não publica tanto mas é excelente em aula, tem de ser valorizado. Semestralmente ou anualmente eu vou premiar esses bons professores. E premiar significa ter um certificado de que foi considerado no semestre um dos 10 melhores professores. Agora, como dirigente, entendo que isso tem de estar muito claro. Quem é bom na defesa, quem é bom no meio de campo, quem é bom no

É uma pequena cidade. E se você for comparar a Esalq com qualquer outra unidade da USP, a nossa característica é muito peculiar. Porque é uma cidade única que está envelhecendo e nas mãos de uma única entidade que é a Esalq. Com o advento dos novos cursos de graduação, começa a surgir a discussão sobre a possibilidade de você ter no campus outras entidades. E que tenham autonomia.

É exagero dizer que os novos cursos ainda são os primos pobres?

Não diria primos pobres, mas os primos não são íntimos. Aqueles que você vê de vez em quando. Às vezes ele não é pobre, mas você nem lembra o nome, não dá valor. A estrutura hoje da Esalq tem uma característica importante, que é o fato de ter na parte administrativa uma série de talentos. Só que talentos sobrecarregados, dada essa centralização. Tem de atender todo mundo. E todo mundo quer tudo na hora. Por mais que recursos sejam sempre bem-vindos, e a Esalq tem uma dotação orçamentária bastante razoável, às vezes há muita dificuldade na utilização desse orçamento. Ou em função do emperramento da máquina administrativa ou pela falta de projetos. Isso vale para todo mundo. Quando você tem o recurso, fica muito mais fácil.

O que ainda prejudica nesse sentido na máquina pública?

Final de ano final de orçamento, chega recurso novo. Precisa gastar rápido. E o que vai fazer com isso? Em muitos casos, tomam-se decisões erradas. Então, nesse esforço de revisão e quem sabe de descentralização dessa estrutura administrativa, a ideia é que tenhamos a montagem de um banco de projetos integrados no sentido de utilizar os recursos que venham a ser alocados.

Alguns vez imaginou que seria diretor da Esalq?

Nunca, porque eu nem imaginava que seria professor da Esalq.

Quando decidiu vir para cá?

Essa é uma história interessante, porque fiz civil na Poli, de 1980 a 1984, daí trabalhei um período em São Paulo.

Está com 48 anos. É o mais jovem diretor da Esalq?

Não, o mais jovem foi o professor Joaquim Camargo Engler, que ao assumir tinha 40 anos.

Quanto tempo ficou na Austrália?

Dois anos. Na época trabalhei com problemas relacionados a esmoamento de trigo. Foi meu primeiro contato.

O país tem grandes vazio, como o Brasil.

Temos muitas coincidências. O Brasil tem 6,5 milhões de quilômetros quadrados e a Austrália, 7,8 milhões. De uma certa forma, por mais que o Brasil esteja em transformação, a nossa colonização também aconteceu na costa. E na Austrália é assim também.

A gente tem os índios, eles os aborígenes...

Que também são discriminados. Na Austrália toma-se muita cerveja, porque é um país em determinadas estações muito quente, com um pessoal cordial, brinca. Nesses dois anos fiz mestrado em economia agrícola e resolvi voltar para o Brasil. Mas não queria continuar na cidade de São Paulo. Daí acabou surgindo a oportunidade de uma vaga no departamento de economia e comecei a implantar a área de logística agroindustrial. Eu brinco que a principal responsável por essa logística não trivial, da Austrália para a Esalq, é minha mãe.

Ela queria o filho em Piracicaba.

E deve ter rezado muito para que isso acontecesse. Dona Jureth é bem religiosa, era professora, mas parou. Meu pai, José Vicente Caixeta, era professor de matemática. Nunca imaginei voltar, não estava nos meus planos e muito menos um dia virar diretor. É uma honra enorme e nesse sentido estou muito animado, muito entusiasmado.